

SOUZA, Karine Silva de. Globalização e Exclusão social. Curitiba: Juruá, 2000.

### **Resenha Crítica**

Mardióli Dalla Rosa<sup>1</sup>

A autora desenvolve suas argumentações centradas em três capítulos que versam sobre: aspectos gerais da globalização, a reestruturação do sistema mundial capitalista, com ênfase no modelo neoliberal e, por último, o custo social deste modelo de Estado que tem como consequência nefasta a exclusão social global e a aceitação resignada dos desfavorecidos com a situação que se apresenta com relação aos baixos salários, desemprego, aumento da violência e criminalidade.

No primeiro capítulo apresenta aspectos históricos importantes para melhor compreensão do fenômeno da globalização da economia, pontuando a evolução das relações econômicas, sociais, políticas e culturais desde a Antiguidade até este século, demonstrando que não é um fenômeno novo como muitos acreditam, uma vez que desde a fundação da sociedade civil nos primórdios das civilizações, a dominação já se fazia presente nessas relações.

Com base em antecedentes históricos a autora cita Karl Marx para demonstrar que “a propriedade privada tornou-nos tão estúpidos e unilaterais que um objeto só é nosso quando o temos, quando existe para nós como capital ou quando é imediatamente possuído, comido, bebido, vestido, habitado, em resumo utilizado por nós”. (p 25).

Do ponto de vista histórico, porém, em meados do século XVI, a globalização surge juntamente com o modo de produção capitalista, quando o homem deixou de ser dono de seu próprio capital - a mão de obra - e passa a vendê-la, tornando-se dependente do dono dos meios de produção.

A colonização de regiões com a descoberta das Américas e a conseqüente exploração foram se abrandando e entre os séculos XVIII e XIX as atenções dos capitalistas se direcionam à industrialização. Com a revolução industrial foram surgindo empresas que mantinham o domínio do capital, com o intuito de alcançar lucros efetivos ou potenciais para

---

<sup>1</sup> Mestranda em Direito pela Universidade de Caxias do Sul- UCS; Bacharel em Direito pela Unijuí.

enriquecer grandes empresas, “tornando-se grandes impérios financeiros, concentrando em suas mãos o poder industrial e comercial, criando-se uma “ orgia mundial de imperialismo capitalista”. ( p 29).

Salienta a autora que conquista militar e política de milhões de seres humanos de outras raças e culturas era induzida pela exportação de capitais que não rendiam juros suficientes na Europa. Essa forma de penetração é conhecida como imperialismo financeiro, comandada por poderosos banqueiros, investidores e industriais. Aqui já começa a se delinear as transformações que ocorreram na economia mundial na qual o imperialismo abusou da violência mais cruel para dominar e subjugar, destruindo sociedades milenares e tradicionais que se renderam ao capitalismo e à ocidentalização do mundo.

Enfatiza, ainda, que a globalização se intensifica no século XX e que são muitas as denominações utilizadas para esclarecer o seu real significado, passando a utilizar-se de metáforas para explicar um fenômeno que é irreversível. “Aldeia global”, “terceira onda” “shopping center global”, “economia-mundo”, “mundo sem fronteiras”, são algumas das várias metáforas utilizadas para esclarecer a globalização. É importante dissipar as ambigüidades conceituais sobre o assunto para melhor compreendê-lo. “Milton Santos, a esse respeito, diz que *a globalização deixa de ser uma simples palavra para se tornar um paradigma do conhecimento sistemático da economia, da política, da ciência, da cultura, da informação e do espaço*”. (p 39).

Disserta ainda sobre os aspectos financeiros, políticos e de integração regional para demonstrar que neste mundo globalizado movem-se os mais variados atores, entre eles indivíduos, classes sociais, nações que têm interesses divergentes. De um lado, a destruição de todos os obstáculos e barreiras que se opõem ao lucro desmedido, à liberação dos mercados, aos investimentos financeiros, à transnacionalização do capital, à concentração de renda e, de outro, o indivíduo, os grupos sociais sem as mínimas condições de sobrevivência, subjugados ao capital e ao lucro. Novos processos de organização técnica e social do trabalho transitam livremente nos mercados mundiais massacrando o trabalhador, aumentando o número de desempregados e as desigualdades.

Salienta também que “Essa globalização implica, dentre outras coisas, o desenvolvimento de uma nova divisão transnacional de trabalho. Tudo o que antes se apresentava como nacional desempenha, agora, função global. O capital, a tecnologia, a força de trabalho, a divisão internacional do trabalho, o mercado, o planejamento e a violência organizada e concentrada expandem-se por diferentes lugares do mundo”. (p 69).

Karine Souza finaliza esse capítulo tratando da questão social, que adquire dimensões globais na medida em que se insere no imaginário tradicional e modifica todas as relações a partir de uma nova realidade. .

No segundo capítulo a autora faz uma abordagem centrada na reestruturação capitalista mundial, que a partir da globalização e homogeneização do mundo implantam-se políticas neoliberais que organizam o capital e o mercado.

O neoliberalismo passa a fazer parte das agendas internacionais e o mundo começa a ser visto como um grande mercado “causador da desigualdade, miséria e marginalização das populações”. (p72).

Uma nova visão de Estado e dos direitos do homem é delineada a partir do momento em que as forças do mercado e da economia passam a regular as relações que antes eram absorvidas e estabelecidas pelo Estado.

Com a crise do Estado-providência o mercado passa a ser visto como a saída para a satisfação das necessidades coletivas e a chave para o progresso e o desenvolvimento. As privatizações e desregulamentação de tais atividades, a diminuição das funções do Estado estimulado pelas políticas neoliberais fomenta a desagregação social, suprimindo direitos adquiridos e com isso gerando desemprego, miséria e uma nova classe social: os excluídos.